

Encanto mammbembe

» MARIANA MOREIRA

Desde o último dia 23, o Distrito Federal anda mais colorido, lúdico, repleto de uma arte que não é feita somente por gente, de carne e osso. Na 10ª edição do Festival Internacional de Bonecos de Brasília, a capital e Brazlândia são as cidades que hospedam, no momento, marionetes, fantoches, ventríloquos e mamulengos de todos os gêneros e nomenclaturas. Da abertura até hoje, dia em que se encerra a programação na região central de Brasília, a Funarte deve receber até 30 mil espectadores. Mas o festival, atualmente o mais longo do país, não fecha as cortinas ainda. A diversão prossegue até 28 de outubro.

Na comemoração de uma década do festival, a programação será estendida a 10 cidades. "As asas do avião já se abriram e ninguém mais acha que Taguatinga não é Brasília. Temos o compromisso de descentralizar as ações culturais de forma democrática, com um olhar de responsabilidade social", afirma Ricardo Moreira, criador e curador do festival, que destaca os pontos altos da festa de bonecos, em sua primeira semana. As noites que se destacaram, até agora, foram a reunião dos mestres mamulengueiros, de regiões e gerações diferentes, e a apresentação de Afonso Miguel, brincante com mais de 30 anos de tradição, que já viveu em diversos países do mundo e está com a saúde debilitada, andando de muletas. "A arte consegue superar as diversidades da vida", defende Moreira.

Os principais beneficiados por essa roda viva teatral são as crianças matriculadas em escolas da rede pública de ensino. Elas lotam os espetáculos durante a tarde. Esta semana, uma das atrações foi *As aventuras de Cassimiro Coco*, da piauiense Cia. Calunga. Fanhuca, um boneco genioso e brincalhão, que arrancou gargalhadas das crianças, ao tirar sarro de seu ventríloquo, o manipulador Chagas Vale.

Na segunda parte da apresentação, a companhia contou a história de Cassimiro Coco (denominação dada aos mamulengos em alguns estados do Brasil), um malandro regional que usa causos divertidos e sabedoria popular para se livrar de enrascadas, em histórias que sempre contam com bois, cobras e almas penadas em seu enredo. "Trago de volta brinquedos que foram importantes na vida das comunidades antes da televisão e da internet", comenta.

Zoológico

Nos próximos dias, a agenda está recheada de uma profusão de bonecos de todos os tipos e tamanhos. Dois grupos que investem

Fotos: Rafael Ohana/CB/D.A Press



Luiza Aguillar e Luiz Virgil, do grupo espanhol Kamante: bonecos feitos de utensílios domésticos



Os espanhóis André Maturana e Diana Monteiro: para quem curte rock

nessa seara vieram especialmente da Espanha (ambos estão pela primeira vez no Brasil) para mostrar seu estilo. O grupo Kamante, que há 15 anos mescla a expressão artística com uma proposta pedagógica, traz a montagem *Que viene el lobo* (Que venha o lobo). "É a história de um lobo de zoológico que quer ser lobo de conto, até se dar conta de que precisa ser feroz", afirma a atriz Luisa Aguillar, uma das integrantes da companhia.

No lugar de bonecos, objetos. O próprio lobo é um filtro de café. Os pais da Chapeuzinho são feitos de funil e chaleira. Uma escova de cabelos customizada faz as vezes de porco-espinho. Como a releitura se apropria de outros contos da carochinha, os três porquinhos

surgem no enredo. "Não buscamos uma estética infantil. Queremos que a criança se confronte com a arte contemporânea", avisa Luis Vigil, o outro integrante da companhia. Para adaptar a montagem aos ouvidos brasileiros, eles traduziram e estudaram a pronúncia em português, um processo já utilizado para o italiano.

Os fãs de rock de todas as idades poderão ter acesso a uma proposta surpreendente. A dupla, também espanhola, Cia. Périplo Marionetas, criou pequenas marionetes dos Beatles e levou para o espetáculo um musical. "Começamos a trabalhar com técnicas de fios e gostamos. Vamos sempre aprimorando os bonecos, colocando mais fios, mais movimentos,

material mais resistente", afirma Diana Romero, uma das integrantes, acrescentando que ela e o parceiro, Andrés Maturana, seguem a técnica horizontal, influência alemã, que permite que os bonecos se movimentem mais.

O quarteto de Liverpool faz uma espécie de pocket show, com as canções *Day tripper*, *I feel fine* e *Twist and shout*. Antes disso, um casal de marionetes (Jack e Ella) faz uma dança de brigas e carinhos, ao som de uma miscelânea eclética, composta por Shakira, Billie Holliday e Tom Waits, entre outros. "Queremos que seja aberto, que seja para todos e que desperte nas crianças o interesse e a motivação pela música, pela carpintaria, pela arte", deseja Maturana.

10º FESTIVAL INTERNACIONAL DE BONECOS DE BRASÍLIA

Até 28 de outubro, em cidades do DF. Plano Piloto: hoje, na Funarte (Eixo Monumental), às 16h, *Suma daqui menino*, com a Cia. Patética Teatro (SP). Na tenda João Redondo, às 16h, *Bonecos de Kalunga*, de Gilberto Calungueiro (CE). Na tenda Cassimiro Coco, às 17h, *congada* (DF). Às 18h30, *Mestre Saúba e a Boneca Lindalva* (PE). Às 19h, *Bibiu e a Boneca Givanilda* (PE). Brazlândia: (Rua do Lago, Área Especial 1), hoje, às 16h, *Titirbeatles*, da Cia. Périplo Marionetas (Espanha); e, às 18h, *As caixas* (DF). Entrada franca. Classificação indicativa livre.

Mestre bonequeiro

Um dos mestres da tradição bonequeira do Nordeste de passagem por Brasília, Gilberto Calungueiro é um colecionador de história do universo dos fantoches, títeres e afins. Sua iniciação foi aos 7 anos, quando uma renomada apresentação de calungas (nome dado ao mamulengo no Ceará) passou por sua cidade, a pequena Icapuí. Sem dinheiro para o ingresso, ele resolveu trepar no muro para dar uma espiada na apresentação. Pisou em falso e acabou caindo por cima do artista, desvendando seus segredos, resguardados por um tecido. Depois, passou a recortar as ceroulas do pai, para criar fantoches. Nos primeiros teatros que fez em casa, cobrou palitos de fósforo como ingressos (eles eram escassos na época). Hoje, o expescador já tem filhos formados, outros frequentando a universidade, mas sonha em manter a tradição na família. "Um filho meu, o Marquinho, já trabalha comigo, e vou fazer da minha neta de seis anos uma calungueira", acredita.

www.correiobraziliense.com.br



Veja galeria de fotos.